

GEOGRAFIA, CENA E DENÚNCIA: O GEOTEATRO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Robertinho Junior Cipriano da Silva 1¹

*(Mestrando em Ensino, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (84) 98164-8518,
robertinhojunior@alu.uern.br)*

Dáwila Rayane Lopes da Silva 2²

*(Graduanda em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (84) 99801-9070,
dawila20230006559@alu.uern.br)*

Luiz Eduardo do Nascimento Neto 3³

(Mestre em Geografia, Departamento de Geografia, (84)998197967, luizeduardo@uern.br)

RESUMO

O presente artigo analisa o uso do teatro como estratégia metodológica no ensino de Geografia, a partir da experiência desenvolvida na Unidade Curricular de Extensão “Geoteatro”. A proposta, voltada a estudantes do 4º período em Geografia, consistiu na criação e apresentação de esquetes teatrais abordando temáticas sociais relevantes, como a violência doméstica e a homofobia. Com uma abordagem qualitativa, o projeto buscou articular os conteúdos geográficos às vivências dos discentes, promovendo o protagonismo estudantil, o pensamento crítico e a sensibilização social. Os resultados indicam que o teatro favorece o aprendizado significativo, amplia a compreensão sobre as dinâmicas socioespaciais e se mostra uma ferramenta eficaz para aproximar o ensino da realidade social dos alunos ao proporcionar uma Geografia viva e experienciada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Geográfica; Teatro; Projeto de Extensão.

Identificação do GT

GT1: ENSINO DE GEOGRAFIA

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia nas escolas tem passado por mudanças significativas nas últimas décadas, impulsionado pela necessidade de repensar as práticas pedagógicas que, historicamente, se basearam na memorização de conteúdos e na reprodução de saberes desconectados da realidade. Nesse contexto, surgem propostas que buscam romper com o ensino tradicional, trazendo metodologias mais dinâmicas, criativas e significativas, que conectam os conteúdos geográficos ao cotidiano dos alunos. Castellar (2010) contextualiza que esse é um dos desafios para os professores, pois precisam quebrar o paradigma de ensino inerte e estático para construir um ensino dinâmico e criativo.

A Geografia, como ciência que estuda as relações entre sociedade e natureza, exige um olhar atento para a realidade concreta das pessoas, incentivando uma leitura crítica do espaço que habitam. Nesse sentido, o uso de linguagens artísticas na educação ganha destaque, especialmente o teatro, que se mostra uma ferramenta pedagógica poderosa. Ao integrar

expressão corporal, criatividade e narrativas simbólicas, o teatro permite que os alunos se envolvam ativamente na construção do conhecimento, desenvolvendo habilidades socioemocionais e cognitivas que favorecem a compreensão dos fenômenos geográficos. A conexão entre Geografia e arte teatral contribui para uma aprendizagem mais sensível, crítica e contextualizada, valorizando os saberes culturais dos estudantes e promovendo uma visão mais humanizada do espaço. Silva (2010) discorre nesse contexto ao abordar que o conhecimento cultural é um meio que pode ser utilizado no ensino de Geografia, principalmente ao estar vinculado à questão do cotidiano. Nesse cenário, a adoção de metodologias que valorizem a escuta, a expressão e o diálogo com a realidade tornam-se essenciais.

É nesse horizonte que se insere este trabalho, cujo objetivo é analisar o uso do teatro como uma ferramenta metodológica no ensino de Geografia, a partir da experiência vivida na Unidade Curricular de Extensão (UCE) chamada "Geoteatro". Essa proposta didático-pedagógica busca inovar nas formas de mediação do conhecimento, promovendo o protagonismo dos alunos e estimulando a reflexão crítica sobre o espaço e suas dinâmicas.

Soares (2013), elenca que a metodologia do ensino de Geografia a partir do teatro é viável e positiva para o entendimento dos conceitos geográficos, servindo como um instrumento para superar o ensino tradicional, o qual potencializa uma Geografia viva e experimentada na realidade dos professores e alunos.

Bomfim e Sanchez (2023) dialogam nessa perspectiva ao abordar que as formas de ensino mais lúdicas e práticas da realidade, como o teatro, proporciona metodologias que favorecem o protagonismo dos estudantes, principalmente por possibilitar o uso da criatividade e expressão de ideias, o que estimula um ensino mais crítico e significativo.

As artes visuais, em específico o teatro, se configura dentro desse contexto, ao servir como linguagem artística e pedagógica, apresentando-se como uma estratégia eficaz para discutir temas sociais urgentes e promover uma aprendizagem contextualizada com a realidade.

A relevância da pesquisa está fundamentada na escassez de estudos que explorem essa interface e na urgência de metodologias que dialoguem com a realidade dos alunos, contribuindo para a construção de um ensino mais democrático e humano.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo possui abordagem qualitativa, pois visa compreender as experiências, percepções e significados atribuídos pelos participantes à atividade realizada. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa considera os sujeitos em seus contextos sociais e culturais, sendo adequada para investigações que envolvem práticas educativas, interações humanas e reflexões sobre a realidade.

A atividade foi desenvolvida no âmbito da Unidade Curricular de Extensão com o tema central “Geoteatro” durante o 4º período do curso de licenciatura em Geografia, no Campus de Pau dos Ferros da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). O projeto iniciou-se com a leitura e debates sobre o papel do teatro e o ensino de Geografia, bem como a atual necessidade de discutir temas sociais.

Realizada a leitura e discussões de textos, artigos e notícias, foi feita a escolha das temáticas centrais que seriam desenvolvidas no Geoteatro, as apresentações focaram na violência doméstica e na homofobia (problemas esses que estão cada vez mais presentes na realidade dos alunos). Após a escolha dos temas foi feita a construção de duas esquetes, as quais contaram com a divisão para os papéis, momentos de reflexões, análise de dados estatísticos e ensaios das apresentações, visando assim enriquecer e melhor desenvolver a encenação.

A metodologia adotada envolveu a realização de esquetes teatrais, uma forma de teatro participativo que propõe a encenação de situações-problema com o objetivo de estimular a reflexão coletiva. Os temas abordados foram homofobia e violência doméstica, definidos a partir de diálogos e debates prévios com os estudantes, considerando sua relevância social e territorial, além da necessidade de novas abordagens metodológicas para o processo formativo em Geografia.

A escolha desses temas se justifica pela importância de abordar esses problemas, principalmente pelos altos índices de violência registrados no país. Em relação à violência doméstica, dados do IBGE (2019) indicam que 6,0% das mulheres com 18 anos ou mais relataram ter sofrido violência física, sexual ou psicológica praticada por parceiro íntimo atual ou anterior, número que sobe para 6,3% entre mulheres pretas ou pardas.

No caso da população LGBTQIAPN+, o Fundo Brasil de Direitos Humanos (2021) alerta que o Brasil segue entre os países com maior número de assassinatos motivados por

LGBTfobia, registrando casos diariamente, vale ressaltar que na realidade esses números são maiores, em virtude de muitos casos de ataques não serem denunciados pelas vítimas.

A culminância da atividade ocorreu no dia 27 de novembro de 2024 e contou com a participação de 14 estudantes. As exposições teatrais ocorreram no pátio do campus da UERN em Pau dos Ferros sendo abertas para o público acadêmico e a sociedade em geral. Além dos esquetes o momento contou com um espaço para o depoimento de uma ex-aluna do curso de Geografia que havia sido vítima da violência doméstica, representando que essa problemática é cada vez mais real e necessita ser discutida com urgência em todas as esferas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um estudo recente de Ferreira e Santana (2024, p.1) sobre a teatralização do ensino de Geografia (TEG) destaca que essa abordagem metodológica promove uma “prática pedagógica dinâmica e libertadora, na qual o processo de aprendizagem-ensino é construído de forma conjunta e colaborativa entre professor-orientador e alunos-atores”. Essa perspectiva contribui para o caráter político do Geoteatro, ao articular conhecimento, arte e autobiografia, permitindo que os alunos se posicionem criticamente diante das desigualdades presentes em seus territórios.

Santos e Chiapetti (2011) destacam que o uso do teatro nessa perspectiva não visa grandes espetáculos, mas uma aprendizagem criativa e dinâmica que pode ser adaptada nos diversos níveis de ensino e com as mais variadas temáticas. O envolvimento dos estudantes durante as apresentações (representado na figura 1 abaixo), revela que o objetivo do Geoteatro não é apenas uma performance, mas um momento de escuta, reflexão e participação ativa. Ao transformar o espaço escolar em palco, a prática articula o conhecimento geográfico à vida cotidiana, como propõe Freire (1996), criando um ambiente de diálogo crítico e colaborativo.

A proposta do Geoteatro, desenvolvida por meio de esquetes teatrais com os temas homofobia e violência doméstica, possibilitou aos estudantes refletirem sobre as relações de poder, identidade e desigualdade que estruturam o espaço geográfico e social. Essas práticas dialogam com a perspectiva de Freire (1996), para quem o ensino é um ato político e humanizador, que deve estar comprometido com a transformação da realidade. Ao promover o protagonismo dos estudantes e valorizar suas vivências, o teatro fortalece o vínculo entre o conteúdo escolar e os conflitos do cotidiano.

A apresentação das esquetes construídas pelos alunos do projeto sobre situações vividas em sociedade estimula a empatia, amplia o debate em sala de aula e potencializa o papel do currículo escolar como ferramenta de leitura crítica da realidade. Ao abordar temas sensíveis e frequentemente silenciados, como a homofobia e a violência doméstica, o ensino de Geografia amplia seu campo de atuação, deixando de ser apenas descritivo para se tornar um espaço de análise crítica e engajada dos conflitos sociais.

Figura 1 – Apresentação da esquete contra homofobia



Fonte: Acervo dos autores (2024)

Cavalcanti (2013) reforça que a Geografia escolar deve possibilitar aos alunos uma leitura crítica do mundo, favorecendo a compreensão das múltiplas dimensões que constituem o espaço vivido. Tal construção pode ser observada durante a apresentação da esquete contra a homofobia, no contexto da cena (Figura 2) um jovem revela para seus pais a sua orientação sexual. No enredo da esquete a mãe tenta acolher o filho, enquanto o pai reage com rejeição. A dramatização evidenciou como o espaço doméstico, frequentemente associado ao cuidado e à proteção, pode também se configurar como um território de exclusão e sofrimento.

Essa abordagem permite, no ensino de Geografia, refletir sobre como os espaços são produzidos socialmente e atravessados por relações de poder, identidade e desigualdade. O lar, entendido como espaço vivido, também carrega marcas simbólicas, ou seja, um retrato da falta de amparo e acolhimento associado ao preconceito de uma sociedade machista, reverberando em conflitos que influenciam diretamente a vivência/experiência dos sujeitos.

Figura 2 – Apresentação da esquete contra a homofobia no contexto familiar



Fonte: Acervo dos autores (2024)

O Geoteatro articula conteúdos geográficos às realidades cotidianas dos estudantes, como: O “Lugar” e a falta de pertencimento ao lar, o “território” e os conflitos por poder que existem dentro da sociedade, até mesmo dentro das famílias, majoritariamente ligado a força e a violência, a “paisagem” nas representações presentes dentro de ambientes caóticos ou silenciados, dentre outros. Diante disso, Santos (2002) aborda que o espaço (conceito primário da Geografia) é construído pelas relações sociais e carrega intencionalidades, sendo fundamental compreendê-lo em sua complexidade para promover uma educação crítica e transformadora.

No ensino de Geografia, atividades como essa ganham relevância ao conectar os conteúdos escolares às vivências concretas dos estudantes. Freire (1996) defende que a educação deve partir da realidade do educando, promovendo um diálogo crítico que permita a conscientização e o enfrentamento das injustiças sociais. Assim, ao abordar temas como a homofobia no espaço escolar, o professor amplia o alcance do ensino, comprometendo-se com uma educação pautada nos direitos humanos e na transformação social.

A esquete teatral sobre a homofobia encerra-se destacando os guarda-chuvas coloridos, símbolos de diversidade, proteção e afeto, e retrata o reencontro entre pai e filho, no qual o respeito supera o preconceito. Essa cena finaliza com um gesto de reconciliação carregado de significados emocionais e sociais profundos.

Após a finalização da primeira representação teatral, foi iniciada a segunda temática que abordou a violência doméstica com base no poema “Hoje recebi flores” de Paulette Kelly

(1992). A esquete foi construída em conjunto com os alunos, a partir da percepção deles da problemática e das leituras no decorrer do semestre.

O momento retratou uma das cenas mais fortes da peça, uma mulher, marcada por sangue nos braços, rosto e mãos, caminha sozinha segurando um buquê de flores. Mas esse não é um gesto de carinho, as flores chegaram tarde demais. A personagem, vítima de violência doméstica, representa tantas mulheres que sofrem caladas e que só são lembradas no dia do próprio funeral.

A imagem em seguida (Figura 3) é a personificação do poema, porém esse contexto não fica somente na apresentação da esquete ou nos versos proferidos, pesquisas feitas pelo IBGE em 2019, destacaram que 72,8% dos casos notificados pelas mulheres de violência física se deram em suas residências, implicando em que um espaço antes associado à sua proteção é atualmente um local de risco. Dados do relatório anual do Ministério da Mulher lançado em 2025 apontam que o principal ambiente de risco registrado no ano de 2023 para a população feminina foi a sua própria casa.

Figura 3 – Apresentação da esquete contra a violência doméstica



Fonte: Acervo dos autores (2024)

Dessa maneira, a violência contra a mulher na sociedade atual vem se reproduzindo cada vez mais de inúmeras formas, sobretudo por meio da violência física, psicológica,

desigualdade nos salários e nas oportunidades empregatícias, dificuldades no acesso e permanência no ensino superior, dentre outras; além disso, os órgãos que deveriam ser os protetores acabam agindo de forma omissa, quando não são usados como meios para reproduzir essa violência institucionalizada na realidade brasileira.

Após a finalização da esquete, a atividade do Geotrato trouxe um novo momento ainda dentro dessa temática, uma de uma ex-aluna do curso de Geografia trouxe por meio de sua fala a voz da resistência e encorajamento frente a violência doméstica. Ela dialogou sobre os desafios e preconceitos, bem como a sua constante luta para conseguir vencer e sobreviver diante dos percalços que a violência lhe trouxe. O momento contribuiu para uma reflexão profunda e crítica sobre a atual gravidade dessa questão e como esse problema está inserido diariamente no contexto social.

No contexto da Geografia escolar, a esquete e a fala da convidada permitiu compreender como as violências simbólicas e físicas atravessam os espaços privados, revelando que o território não é neutro, ele expressa desigualdades, silenciamentos e relações de dominação. Ao trazer esse tema para a cena, os estudantes passam a perceber que o espaço geográfico também é marcado por afetos, dores e estruturas sociais que precisam ser questionadas.

A encenação da violência doméstica proporcionou uma Geografia viva e experienciada, não expondo os problemas apenas na parte teórica com números/gráficos densos como na Geografia tradicional, mas contextualizando para a vivência real a partir dos desafios, conflitos, debates, apresentações, poemas e realidades presentes no cotidiano dos estudantes.

5. CONCLUSÕES

O uso do teatro no ensino de Geografia serve como uma ponte para articulação e representação prática dos conteúdos, é um instrumento que favorece o engajamento do aluno com o assunto trabalhado em sala, não apenas aplicando sua aprendizagem por meio de instrumentos tradicionais de avaliação, mas a partir de apresentações e exposições, os quais contribuem para uma aprendizagem significativa.

Essa metodologia de ensino mostrou-se riquíssima para construir, implementar e avaliar os conhecimentos desenvolvidos durante as aulas de Geografia, além disso permitiu que diversos temas de contextos diferentes possam ser trabalhados com base na perspectiva

dos alunos, é uma oportunidade de dar voz a eles, de dar voz a uma Geografia que não é apenas teatral, mas real.

As apresentações por meio das esquetes favorecem as discussões e debates sobre temas atuais em sociedade, os quais são essenciais para o processo formativo dos alunos(as) em Geografia, principalmente ao proporcionar um ensino crítico e ativo baseado principalmente na realidade. Ademais, as esquetes servem como instrumento problematizador do mundo, contribuindo diretamente para denúncia e refúgio, pois apresentam e reforçam às legislações e canais de proteção existentes, os quais geralmente estão longe do acesso/conhecimento da comunidade em geral. Ainda mais, contribuem para trazer a tona esses anseios que existem na sociedade, mostrando assim que as vítimas não estão sozinhas.

O Geoteatro, portanto, revela-se uma metodologia potente, capaz de promover o engajamento dos estudantes, o diálogo interdisciplinar e a construção de uma educação comprometida com os direitos humanos, com a escuta ativa e com a formação de sujeitos críticos e conscientes. Ao integrar a linguagem teatral aos conteúdos geográficos, essa prática favorece a articulação entre emoção, razão e ação, permitindo que os alunos se posicionem frente às desigualdades que os afetam direta ou indiretamente.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Fernando Russo Costa do; SANCHES, Maria Jade Pohl. Teatro e Geografia no Ensino Médio: desbravando continentes e ressignificando territórios. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 13, n. 23, p. 05–16, 2023. DOI: 10.46789/edugeo.v13i23.1291.

Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1291>. Acesso em: 09 jul. 2025.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de (Org.). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Editora Vieira, 2010. p. 39-49.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

FERREIRA, Rafael Felipe; SANTANA, Fábio Tadeu de Macedo. Teatro e educação geográfica: perspectivas para a prática docente. **História, Natureza e Espaço - Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 132-147, jun. 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/niesbf/article/view/85527>. Acesso em: 09 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **As mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/22052-as-mulheres-do-brasil.html>. Acesso em: 08 jul. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MINISTÉRIO DAS MULHERES. **Ministério das Mulheres lança o Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (Raseam) 2025**. In: GOV.BR. Brasília, DF, mar. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/marco/ministerio-das-mulheres-lanca-o-relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-raseam-2025>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MORAES, Luciano Spagnol. **Poema sobre a vida**. Artigo. Recanto das Letras, [s.l.], 2007. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/461160>. Acesso em: 25 jul. 2025.

PAULA. **A LGBTfobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização**. Blog do Fundo Brasil, São Paulo, 13 jul. 2021. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtfobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, RS, v. 15, n. 3, p. 167-184, set./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7353>. Acesso em: 09 jul. 2025.

SILVA, Eunice Isaias da. Linguagens alternativas no ensino de Geografia. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de (Org.). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Editora Vieira, 2010. p. 155-176.

SOARES, Liana Macabu de Sousa. TEATRALIZANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 57–81, 2013. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/56>. Acesso em: 09 jul. 2025.
